

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

RAIANY ALVES DE SOUZA

GÍRIAS JAPONESAS: UM ESTUDO DE CASO COM INTERCAMBISTAS BRASILEIROS

BRASÍLIA- DF
2017

RAIANY ALVES DE SOUZA

GÍRIAS JAPONESAS: UM ESTUDO DE CASO COM INTERCAMBISTAS BRASILEIROS

Monografia para conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado à banca examinadora da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de licenciatura em Língua e Literatura Japonesa, sob a orientação do Professor Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka

BRASÍLIA

2017

RAIANY ALVES DE SOUZA

GÍRIAS JAPONESAS: UM ESTUDO DE CASO COM INTERCAMBISTAS BRASILEIROS

Banca examinadora

Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka

Orientador: Prof. Dr. – Universidade de Brasília (UnB)

Débora Habib Vieira da Silva Kobayashi

Examinadora: Prof. – Universidade de Brasília (UnB)

Alice Tamie Joko

Examinadora: Profa. Dra. – Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO: A presente pesquisa visa explorar a variedade da língua e suas transformações sociais, e o principal objeto de estudo serão as gírias japonesas. Nesta monografia se propõe uma discussão acometida nos estudos da sociolinguística e ensino de línguas. Esta pesquisa é descritiva, de abordagem qualitativa, a fim de propor uma reflexão em relação à variação da língua japonesa, com base nos estudos da sociolinguística acerca do uso da gíria nas práticas de ensino e aprendizagem de língua japonesa tendo interesse maior em sua comunicação oral. Dessa forma, desenvolveu-se um estudo acerca da gíria no ensino e aprendizagem da língua japonesa no cotidiano da faculdade e suas possibilidades para um avanço no processo de ensino e adequação linguística à situação comunicativa num curso de licenciatura em língua japonesa numa universidade pública do Distrito Federal. O trabalho é um de estudo de caso com intercambistas brasileiros que foram estudar no Japão. Objetivando-se fazer um levantamento de gírias usadas por estes intercambistas para análise e reflexão desta variante linguística. O uso da variante gíria no contexto de sala de aula e no convívio social dos estudantes que tiveram contato direto com a sociedade japonesa, passaram a compartilhar da mesma linguagem, por afinidades criadas no próprio grupo no qual passou se a ser essencial na formação de língua japonesa. Com essas interações com usos de gírias eles percebiam como a língua japonesa varia e como era essencial para sua interação social.

Palavras-chave: Gírias. Sociolinguística. Língua.

ABSTRACT: The present research aims to explore the variety of the language and its transformations, and the main object of study is as Japanese slang. In this monograph a discussion is proposed in the studies of sociolinguistics and language teaching. This research is described, with a qualitative approach, in order to propose a reflection on the variation of the Japanese language, based on the studies of sociolinguistics on the use of the practice in Japanese language teaching and learning practices having a greater interest in oral communication. Thus, a study was developed on the non-teaching and learning jargon of Japanese non-daily language of the faculty and its possibilities for an advance in the teaching process and linguistic adequacy to the communicative situation in a Japanese-language licentiate course in public university of the District Federal. The work is a case study with Brazilian exchange students who study in Japan so much. In order to make a survey of the plants used by these exchange students for analysis and reflection of this linguistic variant. The use of the slang variant in the context of the classroom and in the social life of students who have contact with a Japanese society, began to share the same language, for affinities created in the group without qualities, be an essential being in the formation of Japanese language . With these interactions with slang uses they perceived how a Japanese language varies and how essential it was to their social interaction.

Keywords: Slang. Sociolinguistics. Language.

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 6 |
| 1.1 Justificativa | 7 |
| 1.2 Problematização | 7 |
| 1.3 Objetivos | 7 |
| 1.4 Estruturação do trabalho | 8 |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 9 |
| 2.1 O que é gíria? | 9 |
| 2.2 Preconceito linguístico | 11 |
| 3. METODOLOGIA | 13 |
| 3.1 Método e Natureza da Pesquisa | 13 |
| 3.2 Participantes | 15 |
| 3.3 Entrevista e questionário | 15 |
| 4. ANÁLISE | 16 |
| 4.1 Resultados alcançados | 21 |
| 4.2 Resultados não alcançados | 22 |
| 5. CONCLUSÃO | 23 |
| 5.1 Limitações da pesquisa | 23 |
| 5.2 Outras considerações | 24 |
| 5.3 Sugestões para pesquisas futuras | 25 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 26 |
| APÊNDICES A | 27 |
| Questionários | 27 |
| APÊNDICE B | 45 |
| Termo de Compromisso | 45 |

1. INTRODUÇÃO

O léxico é o componente da língua que mais retrata as mudanças e variações linguísticas, e tem função nomear objetos, pessoas etc. onde reflete as transformações sociais. Ele se categoriza nas classes abertas de palavras. Segundo Rosa (2009) em seu livro “Introdução a Morfologia” no capítulo “Revisitando as partes do discurso”, apresenta o léxico na visão tradicional de Bloomfiel (1933:269):

Uma descrição completa de uma língua listará toda forma cuja função não é determinada seja por estrutura, seja por um marcador; incluirá, conseqüentemente, um *léxico*, ou lista de morfemas, que indica a classe de formas de cada morfema bem como listas de todas as formas complexas cuja função seja de algum modo irregular. (apud ROSA 2009, p.87)

De acordo com Rosa (2009), o léxico é apresentado como conjunto de palavras, disponível para as regras da morfologia. Com a proposta de Bloomfiel, o léxico é uma lista de irregularidades, como uma arbitrariedade do signo. Segundo a autora, as palavras no léxico pertencem a classes abertas, isto é, a classe que pode admitir novos membros e apresentam significado lexical. Ele é constituído por um número ilimitado de palavras, e vai aumentando em consequência da evolução e do dinamismo da língua, que possibilitam acréscimos de novas palavras:

“as palavras que apresentam significado lexical formam as classes abertas, classes que, em princípio, sempre podem ser acrescentadas novas criações; as palavras que apresentam significado gramatical formam classes fechadas”. ROSA (2009, p.103)

A gíria por ser um sistema de comunicação que sempre evolui, e está sempre em processo de mutação e trazendo novas criações, é um léxico que está incluído nas classes abertas de palavras. Segundo PRETI (2003),

“As gírias e as expressões idiomáticas fazem parte deste sistema de comunicação linguístico e estão presentes na língua de qualquer sociedade, independentemente de sua posição social. Muitas palavras são alteradas e adaptadas, dependendo do grupo em que estão inseridas, pois é muito comum a transformação desses vocábulos, na maioria das vezes por uma questão de abreviação ou por uma questão de identificação do próprio grupo, deixando suas marcas linguísticas e marcando assim seu território”. (PRETI, 2003, p. 16)

A gíria era entendida como um discurso marginal, simplesmente pelo fato de ter aparecido, primeiramente, entre: ladrões, camelôs, (pessoas marginalizadas pela sociedade).

Os grupos de falantes de gírias foram crescendo, cada um no seu estilo, deixando suas marcas linguísticas.

Com o propósito de explorar a dinamicidade da língua, considerando os falares e a identidade do indivíduo falante, desenvolver-se-á um estudo acerca da gíria no ensino e aprendizagem da língua japonesa no cotidiano da faculdade e suas possibilidades para um avanço no processo de ensino e adequação linguística à situação comunicativa.

1.1 Justificativa

As motivações iniciais desta monografia partiram de uma reflexão no processo de ensino aprendizagem de língua japonesa sobre o tema “gírias”. Sendo uma variante linguística, o que se propõe é demonstrar a real importância da gíria japonesa no contexto social, algo que não é muito abordado em cursos de licenciatura de língua japonesa, e discutir sobre essa questão em reconhecer e democratizar o uso no ensino, deixando de ser na instituição, em sua maioria, um estudo da norma culta. Acredita-se que como futuros docentes da área, este trabalho contribua para refletir sobre umas das variações da língua, e de seus processos que ocorrem na fala, no qual sempre está variando e mudando, saindo desse padrão da norma culta.

1.2 Problematização

Há uma carência de pesquisas que analisem criticamente a abordagem de ensino de língua japonesa, em suas variantes linguísticas com enfoque na oralidade, usando a gíria como ponto principal de investigação. Com base nos dados das análises de materiais de japoneses da universidade, percebe-se que gíria é uma variante linguística que não há tanta atenção numa universidade pública do Distrito Federal.

1.3 Objetivos

Objetivo geral: Esta pesquisa tem por objetivo analisar este fenômeno linguístico nas interações sociais. O seu foco está na oralidade e nas interações sociais, e identificar se a gíria é um fator que contribui ou não nos estudos acadêmicos. Como essas gírias são tratadas e estudadas numa universidade pública do Distrito Federal; Busca-se com esta

pesquisa uma reflexão e discussão sobre sua abordagem e ensino de gírias no meio acadêmico.

Objetivos específicos: Inicialmente, os objetivos específicos eram pesquisar e sistematizar as gírias existentes do material curso de licenciatura de Letras Japonês de uma faculdade pública do Distrito Federal. Mas ao analisar os materiais percebeu se que a maioria dos materiais eram voltados para a língua padrão da língua japonesa. Com base nessas situações, foi optado por analisar o fenômeno linguístico nas interações sociais, com base nas respostas das entrevistas propostas aos intercambistas brasileiros, no estudo das gírias no meio acadêmico, e identificar sua relevância em meio social e no ensino-aprendizagem;

1.4 Estruturação do trabalho

Esta monografia tem a finalidade de registrar as experiências e resultados obtidos durante a formação para a profissão, configurando-se como documento requisito para a avaliação final. A monografia está organizada em cinco partes e dispõe sobre o desenvolvimento do estágio: na primeira parte contendo a justificativa, problematização, os objetivos gerais e específicos e a estruturação do trabalho. Na segunda parte temos a fundamentação teórica, explicando o que são gírias com base nos pesquisadores Dubois (2006) e Preti (2002) e explicando um pouco mais sobre o preconceito linguístico com base no estudioso Bagno (2015). A terceira parte contém a metodologia, o método e a natureza da pesquisa, participantes e será descrito a entrevista feita com estudantes brasileiros que estudam ou estudaram na universidade pública do Distrito Federal, e fizeram intercâmbio para o Japão. Na quarta parte temos a análise das gírias que foram extraídas do questionário e em seguida temos os resultados esperados e os resultados não alcançados. Por fim deste relatório são tecidas algumas considerações finais a respeito da análises e reflexões juntamente com as limitações da pesquisa que apareceram ao longo da monografia, outras considerações feitas a cerca desta pesquisa e sugestões para pesquisas futuras. Em seguida contém a referência bibliográfica. Ao final, na última parte são acrescentados o apêndice A contendo o termo de consentimento, e o apêndice B que são os questionários utilizados nas entrevistas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O que é gíria?

De acordo com Dubois, na obra *Dicionário de Linguística*, a gíria é definida como

[...] um dialeto social reduzido ao léxico, de caráter parasita (na medida em que ela outra coisa não faz que desdobrar, com valores afetivos diferentes, um vocabulário já existente) empregado numa determinada camada da sociedade que se põe em oposição às outras, tem por fim só ser compreendida por iniciados ou mostrar que eles pertencem a um determinado grupo. [...] Enfim, para renovar o repertório das bases lexicais, as gírias recorrem muitas vezes à metáfora, [...] à substituição por sinônimos parciais [...] a empréstimos a dialetos ou a línguas estrangeiras. (DUBOIS, 2006, p. 308)

Os estudos sobre a área dizem que a gíria não empobrece a língua, mas sim enriquece a cultura de uma sociedade. Segundo Preti (2002), quando se fala de gíria temos um fenômeno sociolinguístico, que se estuda em duas perspectivas: linguagem de grupos sociais, com características criptológicas (vocabulário gírio dos toxicômanos, estudantes universitários, grupo marginalizado), que é a **gíria de grupo**. A segunda de um vocabulário surgido pela divulgação dos signos dos grupos sociais, com perda de seu caráter secreto e diluição na linguagem popular: **gíria comum**. A gíria ocorre principalmente em discursos casuais, construídos em sua maioria por neologismos e figuras de linguagem que são propositalmente utilizadas na substituição de termos padrões para adicionar interesse, atração, humor, irreverência ou outro efeito. De acordo com o sociolinguista Preti (2002, p.88), “as gírias surgiram a partir da necessidade de um determinado grupo em se comunicar e tem por finalidades servir como um signo linguístico, quando um falante não entende o que se fala e não se faz parte do grupo, contribuindo-se assim para o processo de autoafirmação do indivíduo dentro do grupo”.

Vale ressaltar que a gíria é um recurso diferenciado e ao se falar em gírias, não está se falando errado, mas sofrendo uma variação linguística dependente da comunidade em que vivem ou em outro ambiente. As gírias são variações próprias da língua falada e ocorrem em diferentes situações de comunicação, e estão conectadas diretamente aos falantes. A gíria se constitui de um vocabulário individual, uma arma secreta de comunicação de cada grupo, variando de acordo com os grupos sociais. No decorrer dos anos a utilização da gíria pelos falantes estará sempre em processo de mutação, pois a língua é viva.

Sobre o funcionamento da língua Dino Preti discorre que:

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela associação significante sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação linguística. (PRETI, 2003, p. 12)

Dino Preti (2003) aponta a relação entre a língua e a sociedade e discute que elas estão totalmente interligadas entre si:

Entre sociedade e língua, de fato, não há uma relação de mera causalidade. Desde que nascemos, um mundo de signos linguísticos no cerca, e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais e a partir do momento em que, pela imitação e associação, começamos a formular nossas mensagens. E toda a nossa vida em sociedade supõe um problema de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua, o meio mais comum de que dispomos para tal. (PRETI, 2003, p.11)

Ao se considerar esta definição de língua, é válido dizer que as gírias e as expressões idiomáticas fazem parte deste sistema de comunicação linguístico e estão presentes na língua de qualquer sociedade, independentemente do falante.

Com base em Dubois (2006, p. 308) e no sociolinguístico Preti (2002, p.88), podemos dizer que se trata de uma gíria se apresentar as seguintes características:

- a) Palavras que já existem e que se derivam constituindo um novo significado em oposição ao seu significado original.
- b) Geralmente esses vocábulos são metáforas, ou substituição por sinônimos parciais, ou empréstimos a dialetos ou a línguas estrangeiras renovando sempre o repertório das bases lexicais.
- c) Vocábulos compostos em sua maioria por neologismos e figuras de linguagem que são propositalmente empregados na substituição de termos padrões para adicionar interesse, atração, humor, irreverência ou outro efeito.
- d) Compreendida por falantes que estão iniciando o uso da gíria, ou mostrar que eles pertencem a um determinado grupo.

2.2 Preconceito linguístico

Na língua existe uma grande variedade linguística, e por conta dessas variedades da língua, acaba se elegendo uma que seja a padrão, ou seja, uma variação modelo que todos aqueles que pertencem a uma mesma população devem aprender para se comunicar com maior facilidade e entendimento. Na maioria das vezes essas variedades coincidem com aquela falada pelas classes sociais mais altas, de determinadas regiões geográficas, ou por grupos de núcleos urbanos, que são centros do poder econômico e do sistema cultural predominante.

A partir da criação de uma norma-padrão da língua, surge o preconceito linguístico. Por meio dele, a norma é vista como sendo “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” do que as outras. Segundo Marcos Bagno (2015), o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua, que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários.

Bagno questiona o ensino que é apenas de norma padrão, no qual não oferece uma reflexão ao aluno sobre a gramática normativa em relação à variedade da língua, e que não há um reconhecimento e nem democratização em seu ensino:

A aceitação, a defesa e o reconhecimento da legitimidade das variedades sem prestígio social não estão em contradição com o trabalho didático de levar os falantes dessas variedades sem prestígio social a se apoderar também de novos recursos linguísticos, de outras variedades, principalmente das urbanas de prestígio e da norma padrão tradicional, que ele só terá condições de conhecer por meio da escolarização. (BAGNO, 2015, p. 35)

No livro de Bagno “Preconceito Linguístico”, no capítulo “A Desconstrução do Preconceito Linguístico”, Bagno apresenta as “Dez cisões para um ensino de língua não (ou menos) preconceituoso”, para uma desconstrução preconceituosa e assim termos uma nova abordagem de como democratizar os usos das línguas.

A seguir, apresenta-se um resumo das dez cisões propostas por Bagno (2015, p. 201).

- I. Todo falante nativo de uma língua é um usuário habilitado que domina a gramática inteiramente.
- II. Não existem erros em português, mas variações da gramática normativa.
- III. Não se deve confundir erro de português com erro de ortografia.
- IV. O que a gramática normativa chama de erro pode ser apenas uma regra nova justapondo a velha.
- V. A língua é viva, muda e varia.
- VI. A língua portuguesa não vai nem bem, nem mal. Ela só vai.
- VII. Devem ser respeitadas todas as variedades.
- VIII. Somos a língua que falamos
- IX. Uma vez que a língua está em tudo e tudo está na língua, o professor de português é professor de tudo.
- X. Ensinar bem é ensinar para o bem.

Bagno trata da língua portuguesa, mas é importante ressaltar que esses preconceitos linguísticos não se valem só nela, mas também acontecem em praticamente todas as línguas. Assim como ocorre na língua japonesa, que é privilegiado a língua japonesa formal nos estudos, mais do que uma língua informal, gírias e dialetos; Segundo Bagno (1998), nos propõe uma “educação linguística”, “ele desenvolve metodologia própria, baseada na variação, com propósito de transformar a atividade de pesquisa na escola uma verdadeira fonte de aquisição de conhecimento. [...] Não eliminando a gramática normativa, mas sim o puro ensino gramatical, pois é claro que a norma culta é passível de ser encontrada em textos mais elaborados e contextos mais formais, o que leva o aluno a reconhecer as diversas instancias e situações em que a língua é usada em sua diversidade, o que inclui a norma culta.”(MOURA, J., 2011).

3. METODOLOGIA

Segundo Preti (2001) os fenômenos gírios só podem ser analisados em seus processos morfológicos de deformação lexical na gíria em grupo, onde é possível estabelecer as relações entre linguagem e grupo que explica o papel desempenhado por esse vocabulário na conversação. Já a gíria comum, perdendo essa condição de signo de grupo, deixa de ser identificador do falante e do grupo social. Passando a fazer parte da linguagem comum, como um elemento expressivo, torna-se difícil estabelecer as relações entre linguagem e grupo com algum tipo de falante ficando mais difícil de estudá-lo, procurando sua origem e formação, as fontes de sua criatividade analisando apenas como fenômeno linguístico concreto em crescente divulgação nas variadas situações interacionais.

3.1 Método e Natureza da Pesquisa

Esta pesquisa é descritiva, de abordagem qualitativa, objetivando desenvolver um estudo de caso a fim de propor uma reflexão teórico-metodológica, baseada nos estudos da sociolinguística, acerca do uso da gíria nas práticas de ensino e aprendizagem de língua japonesa tendo interesse maior em sua oralidade. O estudo de caso proposto nesta monografia tem como principal objetivo investigar os fenômenos gírios que ocorrem nas interações dos intercambistas brasileiros com a língua japonesa, conhecendo a realidade em que se dão essas utilizações da gíria. De acordo Stake (1995), foi escolhido um estudo de caso coletivo, estudando um número de casos conjuntamente, visando a investigar os fenômenos, e suas condições de como as gírias é abordada nos estudos acadêmicos. Casos individuais são estudados e comparados para manifestar características comuns, pois acredita-se que, analisando-os, poderá ser alcançada uma melhor compreensão ou melhor teorização sobre um conjunto mais amplo de casos.

A proposta inicial dessa monografia na parte de análise de dados era analisar o material didático do curso de licenciatura em língua japonesa de uma universidade pública no Distrito Federal. Mas ao analisar os materiais percebeu-se que em sua grande maioria, os materiais voltados para o curso era de tipos 標準語 (ひょうじゅんご) *hyoujyungo*, ou seja, matérias voltados mais para a língua padrão da língua japonesa. Os materiais

consultados foram o *Nihongo Shoho* da The Japan Foundation 1979 dos capítulos 1 ao 34 e o *Nigongo Chukyu I* do capítulo 1 ao capítulo 09, também da The Japan Foundation 1990. Com base nessas nisso, foi optado por analisar o fenômeno linguístico nas interações sociais, focando em sua oralidade, até onde seu estudo sociolinguístico contribuiria para ensino e aprendizagem da língua japonesa. Para este tipo de análise, Preti recomenda:

Na análise desse material léxico um cuidado se impõe: é preciso separar o que é de domínio individual e, como tal, permanece, do que é de uso coletivo. No primeiro caso, o material é de interesse estilístico, no segundo, pelo fato de fazer parte essencial da comunicação do grupo social, pertence ao *domínio linguístico*. (PRETI, 1984, p. 15)

Ainda para o linguista Preti, as variantes lexicais ligam-se aos dialetos sociais, onde na gíria comum o seu uso é relacionado a grupos restritos e a sociedade geral por exemplo.

O maior interesse para a pesquisa sociolinguística reside justamente na variação que têm apresentado, em relação aos dialetos sociais e registros a que vêm ligados, emigrando de grupos e situações com que sempre estiveram relacionados para contextos novos, em função das transformações socioculturais da sociedade moderna. (PRETI, 1984, p. 11)

Entretanto, existe uma série de lacunas que se precisam ser revistas por linguistas para melhor compreendermos os estudos relacionados a gíria, pois ainda são muito escassos, assim como Preti coloca:

Hoje o maior desafio dos pesquisadores do assunto reside na gíria comum, isto é, na descaracterização do signo grupal e a conseqüente dispersão desses vocábulos na linguagem comum, nos mais variados contextos e situações de comunicação. Alguns linguistas mais ortodoxos chegam a negar a esses vocábulos, nesse estágio, a própria condição de gíria, preferindo aceitá-los como vocábulos comuns. (PRETI apud Caradec, F. 2001)

Os estudiosos da área valorizavam mais a modalidade escrita padrão e nem sempre houve um estudo da gíria por se fazer parte da modalidade oral (informal). Essas unidades linguísticas são consideradas um conjunto de itens lexicais simples ou complexos, frases, interjeições etc. que caracterizam os grupos sociais. Ou seja, o foco principal dessa pesquisa se dá principalmente nessa variante lexical de gírias, de como se processa nas interações sociais, uma vez que não é dada tanta importância em relação a este tema. Vê-se aqui um propósito dessa análise e reflexão na educação para um espaço de inclusão, no qual as diferenças contribuem e ampliam o conhecimento, ao invés de restringir ou estigmatizar uma língua, cultura ou classe social em detrimento de outras.

3.2 Participantes

Os participantes da presente pesquisa se estruturaram em um grupo de intercambistas brasileiros que estudam ou estudaram em uma universidade pública do Distrito Federal que foram para o Japão e tiveram um contato direto com a língua e cultura. A pesquisa da gíria na área japonesa foi realizada da seguinte forma: Houve entrevistas com estudantes que fizeram intercâmbios ao Japão e foi analisado e explorado o quanto as gírias foram relevantes em suas interações sociais. Teve como principal objetivo também, ver a necessidade e reflexão do que poderia se propor com a gíria para o curso de licenciatura. Foram entrevistadas oito pessoas, sendo sete homens e uma mulher. Todos estudaram em universidade pública localizada no Distrito Federal. Cinco dos entrevistados ainda são estudantes, e três já se formaram no curso de licenciatura em língua japonesa numa universidade pública localizada no Distrito Federal. Os entrevistados tem entre 23 a 30 anos. Dentre os entrevistados dois são homossexuais e seis heterossexuais.

3.3 Entrevista e questionário

Com base nisso, foi feita uma entrevista com essas oito pessoas para responder as questões. Essas pessoas foram escolhidas porque fizeram intercambio no Japão e tiveram um contato direto com a língua e a cultura japonesa. As perguntas do questionário foram relativas às suas interações no Japão, com sete questões. Com o intuito As perguntas iniciais consistiam de quando a quando foi seu intercâmbio, quanto tempo estudava a língua japonesa. Os tipos de comunicação que utilizou quando estiveram no Japão como Língua formal, informal, Gírias, Dialeto e *Keigo*. Foi perguntado se inicialmente teve dificuldade na língua japonesa. Nota-se nos questionários que alguns não tiveram dificuldades por terem fluência na língua. Aos que tinham dificuldade na língua, foi perguntado se a língua era só formal ou tinha outras variações. No decorrer do questionário, com o intuito de conhecer as gírias utilizadas no convívio social, foi perguntado que gírias utilizaram e se elas foram importantes na comunicação oral. Como os intercambistas são estudantes de letras japonês, foi perguntado se como futuros docentes da área seria importantes aprendizados do funcionamento da língua e suas variações e como eles ensinariam essas variações linguísticas.

4. ANÁLISE

Sendo feito um estudo de caso, foi selecionado um grupo de intercambistas para responder um questionário a respeito das suas interações e experiências vividas no Japão. Nestes questionários, as gírias aparecem presentes no dia a dia dos alunos que fizeram intercâmbios para o Japão. Algumas gírias que apareceram com as respostas dos intercambistas foram (vide apêndice B):

Entrevistado 02: *“yabai, meccha. Também aprendi várias palavras usadas em Kyoto como omoroi (omoshiroi), yan (jan), ya de (da yo), se ya na (sou da ne), yarou (darou)”*

Entrevistado 04: *“muitas vezes eu via (w), (笑) ou simplesmente www. NG (Not good). Eu ouvia de vez em quando abreviações, tipo サウンドラ, que significa trilha sonora.”*

Entrevistado 05: *“Sim, algumas mais faladas como めっちゃ、マジで、ヤバイ、キモイ、サイテイ、すまん、あけおめ, e algumas mais escritas como なう、ワロタ、アザス、乙 (オツ)”*.

Entrevistado 06: *ikemen*

Entrevistado 07: *Yabai, bimyou, chou, meccha/muccha, guroi, charai, yada, saitei*

Entrevistado 08: *“Como “yabai” que dá pra ser usado de várias formas, como “caramba”, “top”, serve tanto para coisas positivas quanto negativas. “antahua”, que seria a forma reduzida de “an taimu hukku appu”, que traduzindo seria, ficada de uma noite só. “neko”, que seria ora designar meninos passivos e mais afeminados. “inu”, para homens com caras quadradas e mais fortões. [...]“Dekai”, que quer dizer algo grande demais, tipo*

enorme, mas também pode ser usado para dar ênfase quando algo é muito bom, uma festa boa “nee-chan”, quando você se refere a um gay mais velho. ”

Essas palavras contam como gíria por possuírem as seguintes características:

São palavras que já existem e que se derivam constituindo um novo significado em oposição ao seu significado original, como por exemplo: “*yabai*” que dá para ser usado de várias formas, como “caramba”, “top”, serve tanto para coisas positivas quanto negativas. *meccha/muccha, akeome.*

Empréstimos a dialetos ou a línguas estrangeiras renovando sempre o repertório das bases lexicais, como por exemplo: *santora, watora, asazu.*

São compreendidas por iniciados ou mostrar que eles pertencem a um determinado grupo por exemplos: “*neko*”, que seria para designar meninos passivos e mais afeminados. “*inu*”, para homens com caras quadradas e mais fortões. “*nee-chan*”, quando você se refere a um gay mais velho. Além dessas palavras estarem dentro de um grupo de falante (no caso em grupos homossexuais) são gírias que também há um significado no original e constituiu-se um novo.

Percebe que no entrevistado oito, os termos gíricos, na maioria das vezes, são criados, a partir de uma conversa comum, quando as pessoas estão em grupo conversando, em que o indivíduo faz uma alteração do significante abrangendo arcaísmos, neologismos, aspectos estilísticos, mudanças sintáticas e outros recursos que, a princípio, teriam o objetivo de tornar uma linguagem irreconhecível. Por ser homossexual e fazer parte deste grupo, as gírias utilizadas se tornaram de caráter secreto e único. Favorecendo assim uma interação com segurança com falantes e traz na conversação a segurança de superioridade por usar uma língua original, diferente da maioria, produzindo um discurso criptológico para os não iniciados nessas atividades.

Usar expressões gírias significa ampliar os limites de familiaridade, de aproximação com o ouvinte, o que se pode ser comparado numa interação verbal, a mudança de um tratamento gramatical de natureza mais formal, por outro mais íntimo. Segundo Preti 2001, “o uso de gírias comum transmite uma impressão de modernidade, de identidade com ideias e comportamentos novos e, por afinidade, de identificação com

hábitos e falantes jovens”. Nos relatos dos entrevistados é possível concluir que as gírias foram essenciais para suas interações sociais, fazendo o falante e o ouvinte terem uma comunicação mais próxima.

Ao analisar as gírias, podemos chegar aos seguintes resultados: Ela é essencial para adquirir fluência na língua, e uma ferramenta indispensável para suas relações cotidianas. Conforme os relatos dos entrevistados, as gírias foram utilizadas como papel principal de interação e aproximação, quando se é questionado se a gíria foi importante ao ser usada, relatam (vide apêndice B):

Entrevistado 02: *“Acredito que sim pois sentia mais natural conversar do jeito que todo mundo conversava. Você se sente mais integrado ao usar gírias ou dialeto. Com o tempo você consegue sentir que é mais entendido e as conversam fluíam naturalmente.”*

Entrevistado 04: *“Sim, pois na internet isso aparece constantemente. Dependendo da sua área de interesse isso pode ser bem mais frequente”.*

Entrevistado 05: *“Com certeza. Considero essencial vermos estas variações, pois sinto que muita gente se sente frustrada ao encontrar-se, depois de vários anos de estudo, com estas variantes e não compreender praticamente ou absolutamente nada. No entanto, também acho de extrema importância ressaltar bem e constantemente o fato de serem variantes diferentes usadas de forma e em ambientes específicos, para que não se confunda a escrita com a fala, por exemplo”.*

Entrevistado 06: *“Foi importante porque se falar a língua formal é essencial para você evitar problemas de desrespeito, mas ao mesmo tempo quando você começa a ter mais amizades se você fala muito formal você acaba dando a ideia que você não quer intimidade então você acaba se afastando, mas é mais difícil você fazer amizade, realmente profunda com japonês”.*

Entrevistado 07: *“Acredito que sim, pois me sentia mais próximo dos meus amigos e também, sentia que estava aprendendo palavras que normalmente não aprenderia na sala de aula. Além disso, eu conseguia compreender melhor a conversa quando dois amigos japoneses conversavam entre si. Me sentia parte daquele grupo. ”*

Sem dúvida, as gírias se encontram no dia a dia dos alunos, e fazem uma ligação com a vida real deles, pois assim como na língua portuguesa, eles também têm contato direto com a gíria japonesa em filmes, música, internet, nas suas interações sociais, etc. Segundo Preti, (2002, p. 89) *“a gíria em sua totalidade preserva sua significação dos vocábulos, fazendo a assim uma linguagem única e secreta sendo um signo de grupo e possuindo uma forma criptológica sendo de um grupo restrito de falantes. Com essa função criptológica, a gíria passa a ser um privilégio de um grupo que fala, trazendo uma sensação de originalidade e de autoafirmação em relação aos falantes comum. ”* Os alunos que estudaram a língua japonesa e depois tiveram a chance de viajar para o Japão, constatam que não aprenderam de forma efetiva a utilização oral do idioma japonês, no que se refere às gírias. Assim observa-se que há uma insuficiência entre o que é ensinado nas aulas de língua japonesa e do que é realmente utilizado no país de língua nativa, visto que não há uma consciência dessas noções das variações da língua japonesa.

Outra reflexão que se pode ter é que para esses alunos, como futuros professores língua japonesa, falta-se um preparo mais firme no que se refere às noções linguísticas e suas variações, no curso de licenciatura em língua japonesa numa universidade pública localizada no Distrito Federal. Ainda nos questionários que foram propostos aos intercambistas, foi questionado se como futuros docentes, acham importante aprender o funcionamento da língua, de como a língua varia em sua escrita e comunicação. Muitos concordam e até demonstram insatisfação pela falta de atenção dessas noções variacionistas.

Entrevistado 02: *“Sim, um professor deve conhecer melhor sobre o funcionamento e os fenômenos da língua, principalmente quanto à sintaxe e sociologia. Ainda mais no japonês, onde há uma diferença muito grande entre escrita e fala. Os alunos de japonês, em geral, não estão cientes destas diferenças”.*

Entrevistado 03: *“Mais ou menos, no curso de licenciatura aprendemos mais a parte teórica da língua, deixando a desejar na hora de colocar em prática o que foi aprendido”.*

Entrevistado 05: *“Com certeza. Considero essencial vermos estas variações, pois sinto que muita gente se sente frustrada ao encontrar-se, depois de vários anos de estudo, com estas variantes e não compreender praticamente ou absolutamente nada. No entanto, também acho de extrema importância ressaltar bem e constantemente o fato de serem variantes diferentes usadas de forma e em ambientes específicos, para que não se confunda a escrita com a fala, por exemplo”.*

Entrevistado 07: *“Em minha opinião, é importante sim. Porque podemos compreender melhor sobre determinada cultura quando aprendemos melhor como a língua funciona e suas variações. Acredito que se eu não aprendesse algumas gírias, ou falasse mais de forma informal com meus amigos, me sentiria mais distante”.*

Entrevistado 08: *“Claramente, para que o aluno tenha uma liberdade linguística de poder se expressar não somente como os livros dizem que a língua é, e poder acompanhar a constante evolução da língua, pois como a língua é viva e está em constante mudança, faz-se necessário o conhecimento desses pontos. Assim os alunos realmente conseguiriam pensar na LE que estão aprendendo”.*

4.1 Resultados alcançados

Com as entrevistas foi possível analisar as gírias que os estudantes brasileiros que estudam ou estudaram em uma Universidade pública do Distrito Federal aprenderam em suas experiências vividas no intercâmbio para o Japão. Com base nessas análises, podemos nos apoiar nas fundamentações de Preti (2002) e Dubois (2006) de que a gíria, sem dúvida, possui uma sensação de originalidade e de autoafirmação em relação aos falantes comuns, sendo uma variação linguística necessária utilizada na fala do dia-a-dia.

Ao analisar as respostas referentes à entrevista, foi possível notar que a maioria dos participantes perceberam durante suas interações pessoais usando a gíria, a importância de delas, e como futuros docentes, refletirem que o estudo da variação linguística é importante. Ou seja, reconhecer e democratizar este ensino, tem função de incluir as variações da fala em seus estudos acadêmicos. Permitindo assim, domínio de como a língua de fato funciona.

4.2 Resultados não alcançados

Ao analisar o material didático do curso de licenciatura em língua japonesa de uma universidade pública no Distrito Federal, não foi possível fazer um levantamento de vocabulários gírios porque os materiais voltados para o curso era de tipos 標準語 (ひょうじゅんご) *hyoujyungo*, ou seja, matérias voltados para a língua padrão da língua japonesa. Os materiais consultados foram o *Nihongo Shoho* da The Japan Foundation 1979 dos capítulos 1 ao 34 e o *Nigongo Chukyu I* do capítulo 1 ao capítulo 09, também da The Japan Foundation 1990. Com isto, foi mudada a proposta e feito um estudo de caso com estudantes brasileiros que estudam ou estudaram na Universidade pública do Distrito Federal.

5. CONCLUSÃO

A gíria pode facilitar a interação e a compreensão do funcionamento da língua, e na aprendizagem no ensino da norma padrão, ser utilizando quando for requerido no uso das variações das situações comunicativas. O fenômeno gírio diante do que foi exposto neste trabalho percebe-se que a gíria comum é o índice mais característico da linguagem e nos cotidianos. Preti 2002 nos apresenta que “uma das muitas identificações da gíria com a sociedade é sua dinâmica, sua capacidade de renovação, sua representação do atual e do novo e sua representação do espírito jovem, tornando os falantes com uma linguagem única. As mutações léxicas e sua identidade com os falantes, em termos de tempo, espaço e grupo social se assemelham as transformações da vida na cidade grande, sempre atenta à contribuição trazida pelo progresso e pela sociedade”. A gíria comum se constitui na parte mais viva da língua nos grupos sociais. Já as gírias em grupo por ser um signo de grupo, possui uma forma criptológica pertencendo apenas a um grupo restrito de falantes. Os vocabulários empregados por estes falantes são entendidos apenas em seu grupo, sem ser entendidos por outros falantes de fora. Pelas suas restrições, é mais difícil esses fenômenos gírios serem notados. Nesta monografia, com o estudo de caso, pode se contemplar gírias japonesas faladas em um grupo homossexual. A monografia pode conter tanto gírias comuns como gírias em grupo.

Ao propor um estudo de caso com intercambistas brasileiros, analisar o uso das gírias e demais variantes no ensino da língua, não quer dizer que estamos desvalorizando o ensino da norma padrão, mas que existem outras possibilidades, que devem ser adequadas conforme a situação em que elas se apresentam, e reconhecer e democratizar seus usos no ensino acadêmico. E, além disso, reconhecer a importância dos conhecimentos culturais e linguísticos, que são marcas da identidade do povo japonês.

5.1 Limitações da pesquisa

Constata-se também que Preti é um dos poucos autores ao se interessar por esse estudo, dificultando-se assim a realização desta pesquisa. Segundo o linguista, existe um desinteresse dos acadêmicos pelo tema, o que revela o preconceito linguístico dentro do próprio ambiente que deveria ser favorável em relação a pesquisas sobre o assunto.

5.2 Outras considerações

Labov (1994) um dos pioneiros da variação linguística nos mostra que a concepção estática da normatividade linguística e do objetivismo abstrato é refutada quando a língua está no seio da interação social, mudando e se transformando em função do contexto sócio histórico, trazendo para a ordem do dia a questão da variação linguística. Refutando-se essa normatividade linguística e abstrata sobre a língua, de que ela é apenas homogênia, e não heterogenia é necessária uma democratização do ensino, tornando-o aberto para as múltiplas variedades linguísticas (sociais, regionais, profissionais, etárias). Labov (1994) nos diz que:

A heterogeneidade linguística decorre em função da existência de muitas modalidades escritas ou faladas e pressupõe a ocorrência da diversidade da língua e de variantes linguísticas distintas dentro das comunidades de usuários da língua (LABOV apud MOURA, J., 2011)

Ou seja, a língua varia socialmente, muda no tempo historicamente e no espaço geograficamente, sendo assim não há como ignorar essas noções de mudanças que a língua sofre. As gírias estão nessas variações linguísticas e o que propõe é refletir sobre essa questão em reconhecer e democratizar o uso no ensino, deixando de ser exclusivamente da norma culta. Seguindo Moura J. (2011, p. 6) “Acredita-se que como futuros docentes da área, ainda há insuficiência muito grande de formar docentes reflexivos, e competentes para este tipo de conteúdo. Há uma responsabilidade dos centros formadores de professores adotar, acolher e apoiar propostas e projetos de educação linguística desse cunho pois se têm o dever de preparar os professores para esta natureza de desafio.”

5.3 Sugestões para pesquisas futuras

Sugerimos que se realizem mais pesquisas sobre as variações linguísticas. Este trabalho contemplou apenas as gírias, mas na língua japonesa há também vários dialetos e derivações da língua. É importante para um estudante de letras, compreender e ter a noção do quanto à língua japonesa varia e se transforma, pois a língua é viva. E como futuros professores, ter um melhor domínio dessas variantes é importante não só para sua formação, mas para seu ensino futuro.

Recomendamos mais pesquisas minuciosas focadas nos materiais do curso de licenciatura, pois em sua maioria são materiais voltados a norma culta. Seria interessante fazer um levantamento do quanto à língua falada é contemplada ou não nesses materiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

DUBOIS, J. (org.) **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

LABOV, William. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Cátedra, 1994

MOURA, J. S. A. O ensino da variação linguística em sala de aula. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação em Alagoas, 2011, Alagoas. Anais. Disponível em: <<http://epeal2011.dmd2.webfactional.com/media/anais/584.pdf>> Acesso em: 19 de fev. de 2017.

PRETI, Dino. A gíria como um elemento da interação verbal na linguagem urbana In: PUC/SP- Projeto NURC/SP (2002) Disponível em: <<https://lingcult.files.wordpress.com/2015/04/palavra-8-06-preti-2002-a-giria-como-um-elemento-da-interacao-verbal-na-linguagem-urbana.pdf>> Acesso em: 23 de jan. de 2017.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz, EdUSP, 1984. 126 p. (Biblioteca Universitária de Língua e Linguística. 6). ISBN 8585008172.

PRETI, D. **A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social**. In: PRETI, D. (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2001. v. 4, p. 241-255.

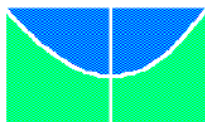
PRETI, Dino. Gíria: linguagem ou vocabulário? In: PUC/SP- Projeto NURC/SP (2002) Disponível em: <http://www.ela.uevora.pt/download/ELA_desenvolvimento_09.pdf> Acesso em: 23 de jan. de 2017.

ROSA, Maria Carlota. Introdução à morfologia. [5. ed.]. São Paulo, SP: Contexto, 2009. 156 p. ISBN 857244145x.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. Thousand Oaks, CA.: Sage, 1995.

APÊNDICES A

Questionários



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Entrevistado 01

Responda o questionário abaixo de acordo com suas experiências vividas pelo seu intercâmbio.

1. De quando a quando foi o seu intercâmbio?

De Janeiro/2017 até Fevereiro/2017

1 mês mês/ano

2. Há quanto tempo você estuda a língua japonesa?

4 anos.

3. Marque abaixo todos os tipos que você utilizou na sua comunicação quando esteve no Japão.

- ✓ Língua formal
- ✓ Língua informal
- ✓ Gírias
- ✓ Dialetos
- ✓ *Keigo*

4. Na época em que esteve em seu intercambio você sentiu dificuldade em se comunicar pela primeira vez?

- ✓ Sim (continue o questionário normalmente)
- Não (pule para questão 5)

4.1. Quais principais dificuldades você encontrou na língua ao longo do seu intercâmbio?

Meu intercâmbio era para ensinar didática de ensino do livro Marugoto, então era aula em japonês com diversas discussões em japonês. A principal dificuldade foi

o ritmo de estudo, pois era aula de manhã e de tarde, sempre com material para preparar para o dia seguinte.

4.2. Com os nativos, a língua era falada apenas formalmente como você aprendeu no curso de licenciatura ou tinha variações como dialetos, gírias, língua informal? Explique por favor.

Com os professores era a língua mais formal, conforme aprendido no Nihongo shoho, etc, mas nas ruas era a conversação coloquial mesmo, sem muitas partículas e polidez.

4.3 Você aprendeu alguma gíria com os nativos no Japão? Quais foram?

De nova, não.

4.4. Você acha que aprender essas palavras foi importante para melhorar a sua comunicação? Por favor, justifique sua resposta.

5. Dadas a diversidade e as variações da fala/comunicação, você acha que aprendeu como a língua funciona em fatores linguísticos (fonologia, fonética, morfologia, semântica, pragmática e sintaxe) no curso de licenciatura? Justifique por favor.

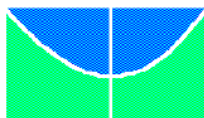
Quando entrei no curso, em 2013, eu não tinha nenhum conhecimento prévio do idioma. Admito que durante os anos estudei muito sozinho, não me limitando somente ao material entregue em sala de aula, mas creio que o conteúdo apresentado pelo curso já dá uma ótima base da língua. Então eu acho que sim.

6. Como futuro professor, você acha importante aprendizados relacionados ao funcionamento da língua, de como a língua varia em sua escrita e comunicação oral? Por favor, justifique

Sim, ainda mais que os alunos sempre perguntam esse tipo de coisa.

7. Dê a sua opinião sobre como poderia melhor ser ensinado as variações da língua japonesa.

Acho que variedade linguística é um tema importante, como por exemplo, as variações da língua (kansai ben, etc). Acho que poderia ter uma matéria optativa só para ensinar isso, como “Japonês – Variações Linguísticas”, ou algo assim, para complementar o estudo.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Entrevistado 02

Responda o questionário abaixo de acordo com suas experiências vividas pelo seu intercâmbio.

1. De quando a quando foi o seu intercâmbio?

De setembro de 2014 até agosto de 2015

mês/ano

2. Há quanto tempo você estuda a língua japonesa?

6 anos.

3. Marque abaixo todos os tipos que você utilizou na sua comunicação quando esteve no Japão.

- ✓ Língua formal
- ✓ Língua informal
- ✓ Gírias
- ✓ Dialeto
- ✓ *Keigo*

4. Na época em que esteve em seu intercambio você sentiu dificuldade em se comunicar pela primeira vez?

- Sim (continue o questionário normalmente) Sim
- Não (pule para questão 5)

4.1. Quais principais dificuldades você encontrou na língua ao longo do seu intercâmbio?

No início tinha um pouco de timidez e um pouco de receio se o meu japonês ia ser suficiente ou não. Mas foi mais no início. Em pouco tempo consegui me acostumar e ter mais confiança e falar com mais naturalidade. Outra dificuldade era o dialeto de Kansai, mais especialmente em Kyoto. Nos primeiros dias é meio difícil entender, mas logo me acostumei e tanto eu quanto os outros intercambistas encontramos uma identidade porque todos começamos a usar bastante o dialeto.

4.2. Com os nativos, a língua era falada apenas formalmente como você aprendeu no curso de licenciatura ou tinha variações como dialetos, gírias, língua informal? Explique por favor.

Depende muito do ambiente. Você conversa desde o modo mais informal até o mais formal. No início eu tendia a ser mais formal, mesmo conversando com colegas do dormitório ou colegas de turma, mas observando como os próprios japoneses conversavam e se relacionavam entre si, me acostumei melhor e aprendi quando eu deveria ser mais formal ou menos formal.

4.3 Você aprendeu alguma gíria com os nativos no Japão? Quais foram?

Aprendi gíria comuns como *yabai*, *meccha*. Também aprendi várias palavras usadas em Kyoto como *omoroï (omoshiroi)*, *yan (jan)*, *ya de (da yo)*, *se ya na (sou da ne)*, *yarou (darou)*, entre outras.

4.4. Você acha que aprender essas palavras foi importante para melhorar a sua comunicação? Por favor, justifique sua resposta.

Acredito que sim pois sentia mais natural conversar do jeito que todo mundo conversava. Você se sente mais integrado ao usar gírias ou dialeto. Com o tempo você consegue sentir que é mais entendido e as conversas fluíam naturalmente.

5. Dadas a diversidade e as variações da fala/comunicação, você acha que aprendeu como a língua funciona em fatores linguísticos (fonologia, fonética, morfologia, semântica, pragmática e sintaxe) no curso de licenciatura? Justifique por favor.

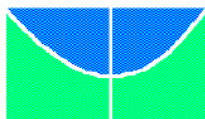
Não muito. Acredito que aprendemos a gramática de um modo mais estrutural, mas bem superficialmente. O que é estudado são estruturas na ordem do livro didático aplicado no curso. Os alunos passam a “entender” como determinada estrutura é usada e é só. Mesmo com ênfase dada sobre o fato da licenciatura não ser um curso de línguas, na prática, não é diferente de um curso de línguas comum. E na licenciatura não há um foco comunicativo, então um curso de línguas é como a licenciatura mais a prática oral. A diferença pode ser notada entre os livros didáticos usados na UnB Idiomas e o livro didático usado nos primeiros semestres do curso de licenciatura.

6. Como futuro professor, você acha importante aprendizados relacionados ao funcionamento da língua, de como a língua varia em sua escrita e comunicação oral? Por favor, justifique.

Sim, um professor deve conhecer melhor sobre o funcionamento e os fenômenos da língua, principalmente quanto à sintaxe e sociologia. Ainda mais no japonês, onde há uma diferença muito grande entre escrita e fala. Os alunos de japonês, em geral, não estão cientes destas diferenças.

7. Dê a sua opinião sobre como poderia melhor ser ensinado as variações da língua japonesa.

Usando materiais autênticos de língua japonesa. Os próprios japoneses são muito interessados e orgulhosos das diferenças encontradas na língua japonesa. Tem muito material interessante sobre essas diferenças, como vídeos e livros. A exposição deste tipo de material poderia fomentar o interesse dos alunos pela língua.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Entrevistado 03

Responda o questionário abaixo de acordo com suas experiências vividas pelo seu intercâmbio.

1. De quando a quando foi o seu intercâmbio?

De setembro de 2013 até outubro de 2014

mês/ano

2. Há quanto tempo você estuda a língua japonesa?

7 anos.

3. Marque abaixo todos os tipos que você utilizou na sua comunicação quando esteve no Japão.

- Língua formal
- Língua informal
- Gírias
- Dialeto
- Keigo*

4. Na época em que esteve em seu intercâmbio você sentiu dificuldade em se comunicar pela primeira vez?

- Sim (continue o questionário normalmente)
- Não (pule para questão 5)

4.1. Quais principais dificuldades você encontrou na língua ao longo do seu intercâmbio?

4.2. Com os nativos, a língua era falada apenas formalmente como você aprendeu no curso de licenciatura ou tinha variações como dialetos, gírias, língua informal? Explique por favor.

4.3 Você aprendeu alguma gíria com os nativos no Japão? Quais foram?

4.4. Você acha que aprender essas palavras foi importante para melhorar a sua comunicação? Por favor, justifique sua resposta.

5. Dadas a diversidade e as variações da fala/comunicação, você acha que aprendeu como a língua funciona em fatores linguísticos (fonologia, fonética, morfologia, semântica, pragmática e sintaxe) no curso de licenciatura? Justifique por favor.

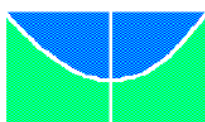
Mais ou menos, no curso de licenciatura aprendemos mais a parte teórica da língua, deixando a desejar na hora de colocar em prática o que foi aprendido.

6. Como futuro professor, você acha importante aprendizados relacionados ao funcionamento da língua, de como a língua varia em sua escrita e comunicação oral? Por favor, justifique

Sim, pois a língua não está somente na forma escrita, e é mais utilizada na forma falada.

7. Dê a sua opinião sobre como poderia melhor ser ensinado as variações da língua japonesa.

Com bastante prática e exemplos, além de haver a opção de contar com a ajuda dos intercambistas para a aula prática.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Entrevistado 04

Responda o questionário abaixo de acordo com suas experiências vividas

pelo seu intercâmbio.

1. De quando a quando foi o seu intercâmbio?

De 08/2013 até 08/2014

mês/ano

2. Há quanto tempo você estuda a língua japonesa?

9 anos.

3. Marque abaixo todos os tipos que você utilizou na sua comunicação quando esteve no Japão.

Língua formal

Língua informal

Gírias

Dialeto

Keigo

4. Na época em que esteve em seu intercambio você sentiu dificuldade em se comunicar pela primeira vez?

Sim (continue o questionário normalmente)

Não (pule para questão 5)

4.1. Quais principais dificuldades você encontrou na língua ao longo do seu intercâmbio?

Aprender a língua foi bem difícil no começo porque as aulas eram todas administradas em japonês. Foi a primeira vez que tive aulas desse jeito. Vocabulário também foi um problema porque eu gaguejava muito. Não encontrava a palavra para me comunicar.

4.2. Com os nativos, a língua era falada apenas formalmente como você aprendeu no curso de licenciatura ou tinha variações como dialetos, gírias, língua informal? Explique por favor.

No início, eu usava a forma que aprendi no curso. Principalmente *ます形*. Depois de um tempo eu começar a usar *普通形*. O dialeto era de Tóquio, então não era muito diferente do que se aprende no curso.

4.3 Você aprendeu alguma gíria com os nativos no Japão? Quais foram?

Eu não aprendi diretamente com eles, eu via isso na internet. Por exemplo, muitas vezes eu via (w), (笑) ou simplesmente www. NG (Not good). Eu ouvia de vez em quando abreviações, tipo サウンドトラ, que significa trilha sonora.

4.4. Você acha que aprender essas palavras foi importante para melhorar a sua comunicação? Por favor, justifique sua resposta.

Sim, pois na internet isso aparece constantemente. Dependendo da sua área de interesse isso pode ser bem mais frequente.

5. Dadas a diversidade e as variações da fala/comunicação, você acha que aprendeu como a língua funciona em fatores linguísticos (fonologia, fonética, morfologia, semântica, pragmática e sintaxe) no curso de licenciatura? Justifique por favor.

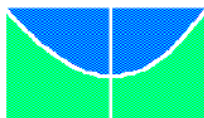
O curso ensina muito bem os elementos gramaticais. Eu observava que os professores sempre quando podiam, tentavam relacionar a gramática da língua portuguesa com a língua japonesa. Isso facilita muito a compreensão. O mais difícil talvez seria a semântica. Traduzir alguns aspectos do português para o japonês ou vice-versa foi um pouco desafiador. Com relação a fonologia e fonética, eu fiz uma matéria de fonética/fonologia da língua portuguesa como matéria optativa, mas creio que isso ajudou muito, pois nas aulas de estágio, foi possível identificar erros de pronúncia.

6. Como futuro professor, você acha importante aprendizados relacionados ao funcionamento da língua, de como a língua varia em sua escrita e comunicação oral? Por favor, justifique

Sim, pois não necessariamente falamos o que escrevemos. No japonês, isso ocorre quando na fala as partículas são omitidas. Mas é claro que para os aprendizes da língua, deve ser ensinado a escrita/fala em sua forma culta para poder entender o que está sendo transmitido para que depois possa ser ensinado as variações.

7. Dê a sua opinião sobre como poderia melhor ser ensinado as variações da língua japonesa.

Eu ensinaria de acordo com o conteúdo, nível e interesse do estudante. Por exemplo: até o terceiro semestre, seria a norma culta/padrão. A partir do quarto, eu colocaria Keigo, 普通形 e alguns macetes para ajudar os estudantes a passar numa entrevista para intercâmbio. Nos semestres finais, o professor teria uma maior liberdade para escolher temas, dado que nesse estágio, os alunos estariam com um nível de japonês suficiente para usar em diversos campos.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Entrevistado 05

Responda o questionário abaixo de acordo com suas experiências vividas pelo seu intercâmbio.

1. De quando a quando foi o seu intercâmbio?

De **09/2015** até **09/2016**

mês/ano

2. Há quanto tempo você estuda a língua japonesa?

8 anos.

3. Marque abaixo todos os tipos que você utilizou na sua comunicação quando esteve no Japão.

- Língua formal
- Língua informal
- Gírias
- Dialetos
- Keigo*

4. Na época em que esteve em seu intercambio você sentiu dificuldade em se comunicar pela primeira vez?

- Sim (continue o questionário normalmente)
- Não (pule para questão 5)

4.1. Quais principais dificuldades você encontrou na língua ao longo do seu intercâmbio?

Tive bastante dificuldades no início com os usos de língua em lugares específicos, ou por ser extremamente técnica e complicada em lugares burocráticos como em bancos, corretora de seguros e hospital; ou então por ser extremamente coloquial e informal como em clubes/círculos universitários (サークル).

4.2. Com os nativos, a língua era falada apenas formalmente como você aprendeu no curso de licenciatura ou tinha variações como dialetos, gírias, língua informal? Explique por favor.

Eles utilizam muito a linguagem informal com bastante gírias e algum regionalismo/dialeto, pois vários estudantes de todo Japão vinham para estudar nesta universidade.

4.3 Você aprendeu alguma gíria com os nativos no Japão? Quais foram?

Sim, algumas mais faladas como めっちゃ、マジで、ヤバイ、キモイ、サイテイ、すまん、あけおめ, e algumas mais escritas como なう、ワロタ、アザス、乙 (オツ) ...

4.4. Você acha que aprender essas palavras foi importante para melhorar a sua comunicação? Por favor, justifique sua resposta.

Com certeza. Já é um pouco mais complicado iniciar muitas novas amizades com o pessoal local, mas se conseguir compartilhar esses fatores da língua já ajuda bastante.

5. Dadas a diversidade e as variações da fala/comunicação, você acha que aprendeu como a língua funciona em fatores linguísticos (fonologia, fonética, morfologia, semântica, pragmática e sintaxe) no curso de licenciatura? Justifique por favor.

Não, o curso nos ensina a lidar com uma situação mais neutra, intermediária e uniforme, que não abrange as grandes mudanças que são perceptíveis na língua em ambientes informais. Também não somos ensinados a como lidar com ambientes técnicos ou burocráticos.

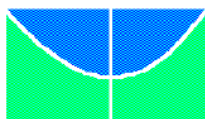
6. Como futuro professor, você acha importante aprendizados relacionados ao funcionamento da língua, de como a língua varia em sua escrita e comunicação oral? Por favor, justifique

Com certeza. Considero essencial vermos estas variações, pois sinto que muita gente se sente frustrada ao encontrar-se, depois de vários anos de estudo, com estas variantes e não compreender praticamente ou absolutamente nada. No entanto, também acho de extrema importância ressaltar bem e constantemente o fato de serem variantes diferentes usadas de forma e em ambientes específicos, para que não se confunda a escrita com a fala, por exemplo.

7. Dê a sua opinião sobre como poderia melhor ser ensinado as variações da língua japonesa.

Acho importante trabalhar as variantes em níveis diferentes. Por exemplo, depois de um pouco consolidada a percepção do Japonês padrão, neutro e de

formalidade intermediária no nível básico e início do intermediário, poderia ser visto o Japonês informal com o uso de material didático e material real, como chats, comentários e vídeos da internet em um nível intermediário. E apesar de ser muitas vezes considerado maçante, aprender linguagem técnica e burocrática, o qual será necessária para vida no Japão, em um nível mais avançado.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Entrevistado 06

Responda o questionário abaixo de acordo com suas experiências vividas pelo seu intercâmbio.

1. De quando a quando foi o seu intercâmbio?

De setembro de 2012 até setembro de 2013
mês/ano

2. Há quanto tempo você estuda a língua japonesa?

16 anos.

3. Marque abaixo todos os tipos que você utilizou na sua comunicação quando esteve no Japão.

- Língua formal
- Língua informal
- Gírias
- Dialetos
- Keigo*

4. Na época em que esteve em seu intercambio você sentiu dificuldade em se comunicar pela primeira vez?

- Sim (continue o questionário normalmente)
- Não (pule para questão 5)

4.1. Quais principais dificuldades você encontrou na língua ao longo do seu intercâmbio?

No dia a dia conseguia falar, mas eu acho como eu tive um relacionamento no Japão também foi difícil inicialmente expressar muito bem assim s sentimentos quando eu tinha algum mal-entendido nessas questões mais profundas assim, inicialmente foi difícil, mas depois ficou tranquilo. E outra coisa que tive dificuldade foi mais na parte do curso que eu fiz mesmo, mais na hora de falar com coisas muito mais formais, com keigo ne

4.2. Com os nativos, a língua era falada apenas formalmente como você aprendeu no curso de licenciatura ou tinha variações como dialetos, gírias, língua informal? Explique por favor.

4.3 Você aprendeu alguma gíria com os nativos no Japão? Quais foram?

Não sei o que está sendo considerado gírias se é xingamento ou se está mais relacionado a respeito hierarquia. O problema é que eu não consigo me lembrar quais que aprendi naquela época, só lembro de ikemen que aprendi nessa época

4.4. Você acha que aprender essas palavras foi importante para melhorar a sua comunicação? Por favor, justifique sua resposta.

Foi importante porque se falar a língua formal é essencial para você evitar problemas de desrespeito, mas ao mesmo tempo quando você começa a ter mais amizades se você fala muito formal você acaba dando a ideia que você não quer intimidade então você acaba se afastando, mas é mais difícil você fazer amizade, realmente profunda com japonês.

5. Dadas a diversidade e as variações da fala/comunicação, você acha que aprendeu como a língua funciona em fatores linguísticos (fonologia, fonética, morfologia, semântica, pragmática e sintaxe) no curso de licenciatura? Justifique por favor.

Sim, eu acho que o curso ele ensina bastante essas questões, ele tem até um foco gramatical ne, gramaticista, tive a oportunidade de ter aula com a professora Tae Suzuki também que ela ajudou bastante nesse quesito, esse último livro que lançaram do nosso departamento “gramática japonesa” um livro que ajuda muito ne, então além do curso você tem esse próprio livro que é do nosso próprio departamento então os alunos que correriam atrás disso está lá e ajuda muito.

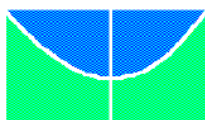
6. Como futuro professor, você acha importante aprendizados relacionados ao funcionamento da língua, de como a língua varia em sua escrita e comunicação oral? Por favor, justifique

Eu já estou dando aula já faz cinco ou seis anos e eu acho que a língua japonesa é uma língua que necessita se ter um estudo gramatical sim, não pode ficar preso nele mas você só ter a prática da comunicação muitas vezes os alunos ficam um

pouco paralisados. Como é uma língua muito diferente da nossa você tem que explicar um pouquinho como é o funcionamento básico do japonês pra facilitar as construções das frases mesmo. Se você só decorar as expressões, ok, você pode ter uma comunicação mais básica, mas na hora de você começar a construir diálogos e falar mais profundamente sobre as coisas você precisa ter uma noção melhor de como funciona as conexões entre as palavras. O japonês eu acho que é um curso que não explica como a língua varia em japonês, formal, informal, a linguagem honorífica, *keigo*, *sonkeigo*, *tenneigo*. Em japonês você não estuda isso, então você não vai estar estudando a língua por que é uma questão da cultura mesmo, então se você não tem essas noções você complica muito, a questão de como você vai se relacionar com o japonês. Uma coisa é você estudar uma língua só para ler, mangá, ler artigo e tudo mais, ai talvez de pra fugir um pouquinho, mas mesmo assim pra entender mesmo os contextos, você precisa entender essas diferenças na língua, dos tipos de linguagem dentro da língua japonesa.

7. Dê a sua opinião sobre como poderia melhor ser ensinado as variações da língua japonesa.

A melhor maneira de explicar essas variações é explicando essas questões de hierarquia. Normalmente a gente trabalha com a questão de pessoa hierarquicamente superior, inferior, pessoa de dentro do grupo, fora do grupo, pessoa que tem o mesmo nível que você. A língua japonesa, o discurso que você vai usar está sempre em relação com a pessoa que você vai conversar e onde você está ne. Então é explicando essas relações, numa empresa quem que está acima e quem que está abaixo, numa loja, o cliente tem que ser tratado com todo respeito, então você vai explicando a cultura ao mesmo tempo que você explica a linguagem adequada.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Entrevistado 07

Responda o questionário abaixo de acordo com suas experiências vividas

pelo seu intercâmbio.

1. De quando a quando foi o seu intercâmbio?

De 10/2014 até 09/2015 e 01/2013 até 02/2013

mês/ano

2. Há quanto tempo você estuda a língua japonesa?

7 anos.

3. Marque abaixo todos os tipos que você utilizou na sua comunicação quando esteve no Japão.

- ✓ Língua formal
- ✓ Língua informal
- ✓ Gírias
- ✓ Dialetos
- ✓ *Keigo*

4. Na época em que esteve em seu intercambio você sentiu dificuldade em se comunicar pela primeira vez?

- Sim (continue o questionário normalmente)
- Não (pule para questão 5)

4.1. Quais principais dificuldades você encontrou na língua ao longo do seu intercâmbio?

Algumas vezes tinha dificuldade de me expressar bem na língua japonesa, esquecia algumas palavras. Mas sempre que podia e queria conversar, escolhia assuntos mais fáceis para eu praticar

4.2. Com os nativos, a língua era falada apenas formalmente como você aprendeu no curso de licenciatura ou tinha variações como dialetos, gírias, língua informal? Explique por favor.

Quando conversava com japoneses que estavam mais acostumados com estrangeiros, como os colegas da universidade, eles utilizavam o japonês padrão, parecido com o que aprendemos no curso de japonês, porém, bem menos informal. As vezes eu queria utilizar frases mais formas com meus amigos e eles me pediam para não ser muito formal, pois parecia que eu não queria ser muito próximo deles. Porém, quando conversava com crianças de alguma região que possui um dialeto forte, como Osaka, as crianças sempre conversavam comigo utilizando dialetos. Algumas palavras eu não entendia, mas as crianças, quando percebiam que eu não entendi, tentavam explicar de uma forma mais simples para que eu pudesse entender

4.3 Você aprendeu alguma gíria com os nativos no Japão? Quais foram?

É um pouco difícil lembrar exatamente as gírias que aprendi, mas lembro de utilizar palavras como: Yabai, bimyou, chou, meccha/muccha, guroi, charai, yada, saitei.

4.4. Você acha que aprender essas palavras foi importante para melhorar a sua comunicação? Por favor, justifique sua resposta.

Acredito que sim, pois me sentia mais próximo dos meus amigos e também, sentia que estava aprendendo palavras que normalmente não aprenderia na sala de aula. Além disso, eu conseguia compreender melhor a conversa quando dois amigos japoneses conversavam entre si. Me sentia parte daquele grupo.

5. Dadas a diversidade e as variações da fala/comunicação, você acha que aprendeu como a língua funciona em fatores linguísticos (fonologia, fonética, morfologia, semântica, pragmática e sintaxe) no curso de licenciatura? Justifique por favor.

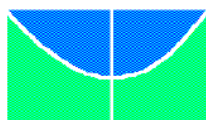
Acredito que sim. Quando comecei a estudar a língua japonesa na universidade, não possuía um conhecimento prévio. Comecei a aprender nas aulas da universidade. Sendo assim, a capacidade linguística que adquiri durante a universidade me permitiu que eu pudesse ir ao Japão e me desenvolver lá.

6. Como futuro professor, você acha importante aprendizados relacionados ao funcionamento da língua, de como a língua varia em sua escrita e comunicação oral? Por favor, justifique

Em minha opinião, é importante sim. Porque podemos compreender melhor sobre determinada cultura quando aprendemos melhor como a língua funciona e suas variações. Acredito que se eu não aprendesse algumas gírias, ou falasse mais de forma informal com meus amigos, me sentiria mais distante.

7. Dê a sua opinião sobre como poderia melhor ser ensinado as variações da língua japonesa.

Penso que através de vídeos, ou filmes que possuem o uso de determinado dialeto japonês. Como por exemplo o dialeto de Osaka, o Osaka-bem. Alguns animes e mangás utilizam este dialeto para representar as personagens que vivem nesta região. Além disso, Osaka é bem conhecida no Japão por seus programas de comédia e seus comediantes, fazendo com que a língua japonesa falada com seu dialeto fique mais cômica. Um exemplo disto é o filme "Shrek", em que a personagem principal, Shrek, é dublada em japonês por uma pessoa desta região e que utiliza bastante o dialeto para tornar a personagem mais engraçada.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

Entrevistado 08

Responda o questionário abaixo de acordo com suas experiências vividas pelo seu intercâmbio.

1. De quando a quando foi o seu intercâmbio?

De 09/2015 até 09/2016

mês/ano

2. Há quanto tempo você estuda a língua japonesa?

15 anos.

3. Marque abaixo todos os tipos que você utilizou na sua comunicação quando esteve no Japão.

- ✓ Língua formal
- ✓ Língua informal
- ✓ Gírias
- ✓ Dialeto
- ✓ *Keigo*

4. Na época em que esteve em seu intercâmbio você sentiu dificuldade em se comunicar pela primeira vez?

- Sim (continue o questionário normalmente)
- ✓ Não (pule para questão 5)

4.1. Quais principais dificuldades você encontrou na língua ao longo do seu intercâmbio?

OBSERVAÇÃO: O entrevistado se dispôs responder as questões normalmente mesmo não tendo dificuldade na sua comunicação inicial.

4.2. Com os nativos, a língua era falada apenas formalmente como você aprendeu no curso de licenciatura ou tinha variações como dialetos, gírias, língua informal? Explique por favor.

Não era somente linguagem formal, com os amigos usava uma linguagem informal com gírias, com amigos de outras regiões acabava pegando a mania do dialeto deles e incorporava ao meu discurso, bem como o dialeto da região em que morava, por ter morado no interior o japonês que eu falava era bem diferente do falado nos grandes centros urbanos.

4.3 Você aprendeu alguma gíria com os nativos no Japão? Quais foram?

Aprendi bastante gírias, principalmente com os grupos gays do japão e com os meus amigos mais jovens.

Como “yabai” que dá pra ser usado de várias formas, como “caramba”, ou “f****”, “top”, serve tanto para coisas positivas quanto negativas.

“antahua”, que seria a forma reduzida de “an taimu hukku appu”, que traduzindo seria, ficada de uma noite só.

“Pero pero”, que seria o ato de fazer sexo oral em homens.

“neko”, que seria ora designar meninos passivos e mais afeminados.

“inu”, para homens com caras quadradas e mais fortões.

“deka mara”, que é p**** grande.

“mara”, que quer dizer p****

“Dekai”, que quer dizer algo grande demais, tipo enorme, mas também pode ser usado para dar ênfase quando algo é muito bom, uma festa boa.

“nee-chan”, quando você se refere a um gay mais velho.

Dentre outras

4.4. Você acha que aprender essas palavras foi importante para melhorar a sua comunicação? Por favor, justifique sua resposta.

Foi sim pois assim consegui conhecer outras pessoas e estabelecer vários tipos de relações.

5. Dadas a diversidade e as variações da fala/comunicação, você acha que aprendeu como a língua funciona em fatores linguísticos (fonologia, fonética, morfologia, semântica, pragmática e sintaxe) no curso de licenciatura? Justifique por favor.

No curso de licenciatura não, pois, acho o método utilizado falho e antiquado, não podendo assim acompanhar tais evoluções da língua, bem como o tempo de curso é muito curto, para tal compreensão e familiarização com esses tópicos linguísticos. Alguns deles como a criação de novas palavras através da compreensão de como morfemas e fonemas se conectam para formar palavras

seria necessário um tempo muito maior de aprendizado do que aquele disponibilizado no curso.

6. Como futuro professor, você acha importante aprendizados relacionados ao funcionamento da língua, de como a língua varia em sua escrita e comunicação oral? Por favor, justifique

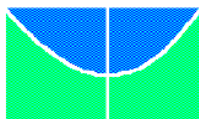
Claramente, para que o aluno tenha uma liberdade linguística de poder se expressar não somente como os livros dizem que a língua é, e poder acompanhar a constante evolução da língua, pois como a língua é viva e está em constante mudança, faz-se necessário o conhecimento desses pontos. Assim os alunos realmente conseguiriam pensar na LE que estão aprendendo.

7. Dê a sua opinião sobre como poderia melhor ser ensinado as variações da língua japonesa.

Colocando os alunos em situações reais e autênticas em dinâmicas de conversação, em uma aula específica para desenvolvimento da língua falada, com situações que refletissem o dia-a-dia da vida no Japão, dando a liberdade de escolha das palavras, gramáticas sobre um tema previamente estabelecido, acompanhado de um role-play mais verídico.

APÊNDICE B

Termo de Compromisso



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
abaixo assinado, li antes de assinar este documento e declaro que concedo a Raiany Alves de Souza o direito de uso dos dados e concordo em participar voluntariamente da investigação.

Tal autorização envolve a utilização do referido material, no todo ou em parte, em comunicações, congressos, publicações em livros, periódicos impressos ou *online* e neste trabalho de conclusão de curso.

Com o intuito de preservar minha identidade será utilizado um pseudônimo ou um código, conforme um dos princípios éticos da investigação acadêmica. Afirmo ainda que recebi uma cópia desse termo de consentimento.

Brasília, ____ de junho de 2017.

Assinatura do participante

Pesquisadora: Raiany Alves de Souza

Orientador: Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka